

ANSIEDADE, BRUXISMO E APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE COMPARATIVA EM ALUNOS DA 7ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL *.

Dorivaldo Duarte

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Maria Martha Costa Hübner

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar as correlações existentes entre a incidência de bruxismo, níveis de ansiedade-traço e níveis de ansiedade-estado em duas escolas com propostas pedagógicas em que, teoricamente, os processos de aprendizagem teriam características diferentes. Para a realização da presente análise, foram utilizados o teste de ansiedade Stai-Idate, a ficha clínica de bruxismo, entrevista com os orientadores das escolas pesquisadas e com os alunos da amostra. A discussão dos resultados obtidos e a sua análise possibilitaram concluir que a ansiedade está presente nos alunos, independentemente da proposta pedagógica de suas escolas. Mas, de acordo com o processo de aprendizagem vivenciado nas escolas, pode haver compensação da ansiedade e menor predisposição dos alunos às disfunções orgânicas como o bruxismo.

Palavras-chave: Ansiedade, Bruxismo, Aprendizagem, Interrelações.

ANXIETY, BRUXISM AND LEARNING: AN ANALYSIS IN STUDENTS OF THE 7TH SERIE OF THE FUNDAMENTAL INSTRUCTION.

Abstract: The present study had the objective to identify the correlations extant among the bruxism incidence, anxiety-feature levels and anxiety-state levels in two schools with pedagogical proposals where the learning process theoretically would have different characteristics. To attain the objective analysis of anxiety Stai-Idate test, the clinical list of bruxism, interview with the researched school instructors and with the students of the example, were utilized. The discussion of the results and its analysis made possible to conclude that the anxiety is present in students behavior, independently of the pedagogical proposal of its schools. But, according to the learning process used at schools it can be compensated and less predispose the students to the organic abnormality like the bruxism.

Keywords: Anxiety, Bruxism, Learning, Interrelationships.

Este trabalho pretende identificar as correlações existentes entre a incidência de bruxismo, níveis de ansiedade-traço e níveis de ansiedade-estado em duas escolas com propostas pedagógicas em que teoricamente os processos de aprendizagem teriam características diferentes.

A aprendizagem pedagógica foi uma variável escolhida para estudo, por entender que a criança não nasce com todas as suas aptidões desenvolvidas; ela

precisa ser conduzida para poder desenvolvê-las. O processo pedagógico consiste em propiciar, através do ensino, o desenvolvimento da criança para que ela possa definir as suas habilidades e a sua própria vida. Sendo assim, a aprendizagem pedagógica torna-se um elemento significativo que interage no desenvolvimento infantil.

A ansiedade foi selecionada devido a reflexões sobre o momento atual em uma sociedade com um processo de

* Resumo da Dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie (1999).

globalização que coloca o ensino “nas condições de mercado”. A teoria econômica reinante determina o comportamento, as metas da educação como por exemplo: o mercado de trabalho hoje é altamente marcado pela influência norte-americana e pela informática; a criança tem que aprender sobretudo a língua inglesa e a lidar com computação, ou seja, o desenvolvimento da criança deve adequar-se e submeter-se ao que já existe. Deve funcionar dentro de moldes já determinados, num ritmo e forma que poderão acarretar seqüelas emocionais tal como a ansiedade, suprimindo ou acelerando suas opções individuais.

O bruxismo (apertamento, fricção ou atrito dos dentes entre si, com força e sem nenhum objetivo funcional aparente) foi também incluído neste trabalho, tendo em vista que ele é uma disfunção comum no cotidiano da vida moderna e se apresenta tanto em crianças quanto em adultos com sintomas de ansiedade a ele associados.

Introdução.

A palavra ansiedade vem do latim *anxietas*, *anxietatis*, que significa preocupar-se, desejar.

A semiologia da ansiedade é caracterizada do ponto de vista fisiológico, por um “terreno ansioso” (distonia neurovegetativa, síndromes funcionais diversas, espasmos, distúrbios cenestopáticos, etc.) e do ponto de vista psicopatológico, por um estado perpétuo de alerta e temor.

Segundo *Spielberger* (1972), *Spielberger & Sarason* (1975), *Spielberger, Gorsuch & Lushene* (1979) e *Maffei* (1992), a ansiedade como um processo, refere-se a uma complexa seqüência de eventos cognitivos, afetivos e comportamentais que são despertados por qualquer estímulo estressor. O indivíduo percebe e interpreta a situação

causada por este estímulo estressor de acordo com as experiências já vivenciadas. A predisposição individual para se vivenciar a ansiedade é denominada ansiedade-traço. Se a circunstância for percebida como não ameaça, o indivíduo reage com ansiedade-estado baixa. Porém, se a circunstância for percebida como ameaçadora, sem objeto de perigo, ou seja, simbólica, inespecífica e antecipada, o indivíduo responde com alta ansiedade-estado. Nesse caso, o indivíduo irá vivenciar um imediato aumento na intensidade de um estado emocional caracterizado por tensão, agitação e apreensão e respostas fisiológicas caracterizadas por ativação do sistema nervoso autônomo. Estas respostas, denominadas estresses, incluem alterações no batimento cardíaco, na respiração e na pressão arterial, inquietação, estremecimentos, tremores e aumento da sudorese. A intensidade e a duração destes indicadores fisiológicos da ansiedade é determinada pela maneira como a situação foi percebida pela persistência da interpretação individual da situação como ameaçadora e, por respostas às situações advindas do auto-conhecimento que permite a convivência com o estresse. Quando as mesmas situações se repetem freqüentemente, o indivíduo desenvolve mecanismos de defesa psicológica e processos de ajustamento orgânico para minimizar este processo. Entretanto, a ansiedade pode converter-se em um fenômeno desregulador em si mesmo, quando não consegue cumprir sua função de alarme psicobiológico adaptativo. Nesses casos, a ansiedade pode tornar-se uma anomalia que ultrapassa a capacidade adaptativa do próprio indivíduo, tornando-o um estado crônico, uma geradora de doença. Portanto, a ansiedade é um estado emocional complexo que surge inespecificamente quando o ser humano

se vê ameaçado em sua integridade, seja física ou psíquica.

É provável que a ansiedade cumpra um papel biologicamente útil, já que é porta-voz de ameaças e permite desencadear comportamentos adaptativos de diversos tipos (defesa, inibição, ataque, etc.).

A aprendizagem é um processo complexo que abrange muitas variáveis que se combinam de diversos modos e está sujeita à influência de fatores internos e externos, individuais e sociais. Assim sendo, nem todas as mudanças do comportamento decorrentes da experiência, podem ser imputadas à variável interveniente chamada aprendizagem, pois, nem sempre o que fazemos (desempenho ou comportamento) reflete perfeitamente o que aprendemos (nosso conhecimento) e menos ainda corresponde a uma medida adequada do que poderíamos ter aprendido ou feito em condições ideais (nossa capacidade).

Método.

São sujeitos do presente estudo 16 (dezesseis) estudantes da 7ª série do Ensino Fundamental, matriculados em duas escolas privadas do município de São Paulo com propostas pedagógicas diferentes, uma escola foi denominada de escola Z, com proposta pedagógica auto denominada de “intermediária entre o tradicional e o humanista” e a outra escola, denominada de escola Y, com proposta pedagógica “antroposófica”. A 7ª série foi selecionada porque ambas as escolas, nesta série, contam com o maior número de alunos submetidos ao mesmo processo de aprendizagem desde a 1ª série.

Instrumentos.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados deste estudo foram quatro:

1) Teste de ansiedade Stai-Idate.

Para a análise da ansiedade utilizou-se o inventário de *Spielberger e colaboradores* (1979) por ser considerado completo e ter grande aceitação, além de ser um instrumento versátil e útil para aferição de traço e estado de ansiedade. Este é intitulado de STAI (State-Trait Anxiety Inventory) e sua tradução para o português IDATE (Inventário de Ansiedade Traço-Estado). Foi publicado por *Charles D. Spielberger* em 1970, originalmente em inglês, resultado de pesquisas que foram iniciadas em 1964. Foi traduzido para o português e validado pelo Centro Editor de Psicologia Aplicada (CEPA) em 1979.

O manual do teste concebe ansiedade-estado e ansiedade-traço da seguinte forma:

A ansiedade estado é descrita como um estado emocional transitório ou condição do organismo humano que é caracterizada por sentimentos desagradáveis de tensão e apreensão, conscientemente percebidos através de um aumento na atividade do sistema nervoso autônomo, cujos escores podem variar em intensidade e flutuar no tempo.

A ansiedade-traço refere-se a diferenças individuais relativamente estáveis suscetíveis à ansiedade, isto é, diferença na tendência a reagir a situações percebidas como ameaçadoras, portanto, com elevações de intensidade no estado de ansiedade.

Elevações em ansiedade-estado são normalmente eliciadas nos indivíduos expostos a situações de estresses. Em geral, indivíduos que tiram escores altos em ansiedade-traço experimentam elevações em ansiedade-estado mais frequentemente e com maior intensidade do que os indivíduos que tiram escores baixos em ansiedade-traço porque eles percebem uma maior amplitude de circunstâncias como perigosas ou

ameaçadoras. Entretanto, o grau em que uma situação específica é percebida como perigosa ou ameaçadora para determinado indivíduo é influenciado pelas experiências passadas desse indivíduo.

O Stai-Idate foi elaborado para ser auto-aplicável e pode ser aplicado individualmente ou em grupos. É composto de duas escalas distintas preparadas para medir estado (parte I) e traço (parte II) de ansiedade. Ambas as escalas são constituídas de vinte afirmações e são apresentadas em folhas separadas para que se possa aplicar apenas uma das partes do teste, conforme o que se quer pesquisar. O inventário não tem limite de tempo para ser respondido, porém, geralmente são necessários de oito a 12 minutos para completar cada escala. As instruções para a execução do teste estão impressas no formulário e podem ser perfeitamente entendidas.

Inúmeros testes de validade, fidedignidade e correlação com outros testes de ansiedade foram feitos para garantir sua precisão.

2) Ficha clínica de avaliação de Bruxismo.

A ficha clínica de avaliação de bruxismo é constituída de um questionário com nove perguntas a respeito de sinais e sintomas de bruxismo (sensibilidade dolorosa dos músculos mastigatórios, dores de cabeça, desgastes dentais anormais, etc).

O grau de confiabilidade dos valores propostos na ficha de avaliação é da ordem de 95% segundo teste piloto realizado previamente.

3) Entrevista com os orientadores de ensino das escolas.

As entrevistas tiveram o propósito de coletar informações que verificam relação entre os pontos tratados pela

abordagem pedagógica, aspectos da prática e do processo de aprendizagem de cada uma das escolas.

A entrevista com os orientadores de ensino foi realizada após a aplicação dos testes e exames clínicos com os alunos, a fim de minimizar possíveis interferências dos orientadores de ensino das escolas no desempenho dos alunos, interferências essas que poderiam ser sugeridas pelo teor das entrevistas.

Nessas entrevistas, procurou-se saber junto aos orientadores de ensino o seguinte: qual a abordagem pedagógica e como ela é aplicada na escola; qual o critério utilizado na escolha do processo pedagógico da escola.

4) Entrevista com os alunos da amostra das escolas.

Estas entrevistas buscaram favorecer uma melhor compreensão de alguns aspectos do processo de aprendizagem em que os alunos estão inseridos. Além disso, a auto-avaliação do processo pedagógico pelos alunos de cada uma das escolas proporcionou uma noção mais completa dos fenômenos estudados.

Nestas entrevistas, procurou-se saber junto aos alunos de ambas as escolas o seguinte: como são as aulas; o que acham delas; como se sentem nas aulas; como são avaliados.

Procedimento.

Foi aplicado primeiramente o teste Stai-Idate (parte II) para se traçar o perfil dos alunos quanto ao traço de ansiedade; logo em seguida, no mesmo dia, foi aplicado o teste Stai-Idate (parte I) para se traçar o perfil dos alunos quanto à ansiedade-estado. Esta ordem é a recomendada quando as duas escalas são aplicadas na mesma ocasião.

A coleta de dados dos alunos de ambas as escolas foi realizada fora de

situações que logicamente provocariam ansiedade, como os exames escolares, pois tais situações poderiam enviesar os dados pesquisados.

Após a aplicação do teste de ansiedade Stai-Idate, os estudantes selecionados para a pesquisa foram avaliados individualmente através da ficha de avaliação de bruxismo para identificar os estudantes bruxômanos de ambos os grupos. Finalmente, em outro dia, os orientadores de ensino e os alunos da amostra de cada escola foram entrevistados quanto ao processo de aprendizagem vivenciado em suas escolas.

Resultados e Discussão.

Os 16 alunos da amostra estavam distribuídos nas escolas quanto ao sexo e idade da seguinte forma: escola denominada “Z”: sete alunos (87,5%) eram do sexo masculino e um aluno (12,5%) do sexo feminino; escola denominada “Y”: dois alunos (25%) eram do sexo masculino e seis alunos (75%) do sexo feminino.

Em relação à idade, a faixa variou de 12 anos e 9 meses a 14 anos e 2 meses na data da coleta dos dados, sendo que houve predomínio da faixa etária de 13 anos e 1 mês a 13 anos e 9 meses com 13 alunos, perfazendo 81,25% da amostra. Portanto, em ambas as escolas os alunos tinham aproximadamente a mesma idade.

1 - Nível de Ansiedade-traço.

Segundo *Spielberger e colaboradores* (1979) as médias de ansiedade-traço em alunos do ensino fundamental são aproximadamente as mesmas quanto ao sexo. Portanto, devido a isso, considerou-se irrelevante a análise dos dados em separado quanto ao sexo.

Os escores obtidos com a aplicação do teste Stai-Idate - Parte II

(referente aos escores de ansiedade-traço) estão apresentados no Quadro 1.

Quadro I - Escores dos alunos no teste Stai-Idate- parte II (ansiedade-traço). São Paulo, 1999.

Escola “Z”:	
Número de ficha dos alunos	Escore
1	27
2	28
3	28
4	28
5	29
6	39
7	30
8	31
Escola “Y”:	
Número de ficha dos alunos	Escore
9	30
10	34
11	34
12	29
13	37
14	42
15	40
16	49

Nota-se que o valor mínimo do escore na escola “Z” foi 27 e na escola “Y” foi 30. O valor máximo da escola “Z” foi 31 e o da escola “Y” foi 49.

A amostra foi dividida em categorias de nível de ansiedade, de acordo com os escores obtidos no teste. Com a possível variação do escore de 00 a 60 pontos, foram consideradas as seguintes categorias:

- 00 - 20 pontos = baixo nível de ansiedade.
- 21 - 40 pontos = médio nível de ansiedade
- 41 - 60 pontos = alto nível de ansiedade

Desta forma, obtiveram-se os seguintes resultados (Tabela 1), segundo a categoria acima.

Tabela 1 - Distribuição dos alunos da amostra quanto ao sexo. São Paulo, 1999.]

Sexo	Escola "Z" Nº / %	Escola "Y" Nº / %
Masculino	7 / 87,5	2 / 25
Feminino	1 / 12,5	6 / 75
Total	8 / 100	8 / 100

Verifica-se, pela Tabela 1 que, quanto ao nível de traço de ansiedade, a escola "Z" concentrou-se na categoria média de ansiedade-traço com oito alunos (100%) e a escola "Y" apresentou seis alunos (75%) na categoria média e dois alunos (25%) na categoria alta de ansiedade-traço. Nenhuma das escolas apresentou baixa ansiedade-traço.

Estes resultados sugerem que as amostras apresentam uma predisposição acentuada para vivenciar ansiedade de acordo com a definição de ansiedade-traço, sendo que na amostra da escola "Y" essa propensão é maior.

2 - Nível de Ansiedade-Estado.

Os escores obtidos com a aplicação do teste Stai-Idate - Parte I (referem-se aos escores de ansiedade-estado) estão apresentados no Quadro 2.

É importante acentuar que o valor mínimo na escola "Z" foi de 20 e na escola "Y" foi de 23; assim como o valor máximo da escola "Z" foi de 31 e na escola "Y" foi de 34.

Quadro 2 - Escores dos alunos no teste Stai-Idate-parte I (ansiedade-estado). São Paulo, 1999.

Escola "Z":	
Número da Ficha	Escore
1	20
2	23
3	24
4	26
5	28
6	29
7	31
8	31
Escola "Y":	
Número da Ficha	Escore
9	23
10	25
11	28
12	31
13	31
14	31
15	33
16	34

Tabela 2: Distribuição do escore de ansiedade-estado da amostra segundo as categorias de ansiedade. São Paulo, 1999.

Categorias de ansiedade	Escola "Z" Nº / %	Escola "Y" Nº / %	Total Nº / %
Baixa	1 / 12,5		
Média	7 / 87,5	8 / 100	15 / 93,75
Alta			
Total	8 / 100	8 / 100	16 / 100

Percebe-se pela Tabela 2, que o nível de ansiedade-estado da amostra agrupou-se na categoria média de ansiedade 15 alunos (93,75%) e somente um aluno (6,25%) da amostra da escola "Z" apresentou baixa ansiedade. Nenhum

aluno da amostra manifestou alta ansiedade-estado. Trata-se de uma situação em que não existiu diferença entre as amostras.

Alguns autores como *Blainey* (1980) observaram que uma ansiedade-estado leve serve como motivador da aprendizagem. Porém, a média ou intensa ansiedade interfere na habilidade do aluno em se concentrar e aprender.

Outros autores como *Brunner & Suddarth* (1994) afirmam que as respostas orgânicas à ansiedade leve determinam o aprendizado; entretanto, à medida que ela aumenta de intensidade, a concentração, o aprendizado e a percepção diminuem ou são distorcidos e a capacidade de receber e processar informações fica alterada ou seja, o funcionamento cognitivo é prejudicado em situações de média e alta ansiedade.

Portanto, pode-se verificar pelos dados obtidos que, apesar das correlações não serem estatisticamente significantes entre as escolas, os resultados sugerem que os alunos, por responderem às situações com ansiedade-estado média e não baixa ansiedade-estado, podem estar sendo prejudicados na aprendizagem. Verifica-se adiante como esses alunos relataram aspectos de suas aprendizagens.

3. Índice de Bruxismo nas escolas.

A ficha clínica de avaliação de bruxismo identificou o índice de bruxismo apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 - Índice de Bruxismo nas escolas pesquisadas. São Paulo, 1999.

Bruxismo	Escola "Z" Nº / %	Escola "Y" Nº / %
Bruxômano	5 / 62,5	1 / 12,5
Não-bruxômano	3 / 37,5	7 / 87,5
Total	8 / 100	8 / 100

Verifica-se, pela Tabela 3, que em relação ao bruxismo, a escola "Z" apresenta cinco alunos (62,5%) bruxômanos e a escola "Y" um aluno (12,5%) bruxômano.

Há evidência de que a escola "Z" possui uma maior incidência de bruxismo em relação à escola "Y". Enquanto que na escola "Z" a proporção de bruxômanos da amostra é de 62,5%, na escola "Y" ela é de 12,5%.

Pelo fato de não haver diferença significativa quanto à ansiedade-estado nas duas escolas, mas em contrapartida haver diferença significativa quanto ao bruxismo, poderia se questionar a afirmação de que bruxismo e ansiedade estão relacionados, como afirma a maioria da literatura pesquisada. Portanto, o resultado encontrado permite levantar a seguinte hipótese: "é possível que as escalas de ansiedade possam não medir o que pretendem medir". Medem o que o ser humano diz sobre si (nível verbal). Muitas vezes o que se diz não é exatamente o que se sente; nem sempre há a consciência verbal de um estado ou traço de ansiedade, como também pode-se superestimá-la.

Os dados das entrevistas com os orientadores de ensino e com os alunos da amostra das escolas descritos adiante esclarecem tal hipótese.

4. Análise da Entrevista com os Orientadores de Ensino das Escolas.

4.1. Entrevista com a orientadora de ensino da escola "Z".

A orientadora entrevistada da escola "Z" afirmou que a abordagem da escola é "meio termo entre a escola tradicional e a escola construtivista", "emprega-se diferentes estratégias para atrair a atenção do aluno".

A entrevista com a orientadora de ensino da escola "Z" evidencia que essa escola está em busca de uma abordagem

pedagógica; por isso procura absorver o que tem de melhor em cada processo pedagógico conhecido.

Como consequência pode, por melhor que sejam as intenções, transmitir inseguranças e ansiedades aos professores e alunos por não ter ainda uma configuração estrutural definida de seu processo pedagógico, ficando assim sujeita às mudanças e adaptações de momento.

4.2. Entrevista com a orientadora de ensino da escola “Y”.

A orientadora entrevistada da escola “Y” relatou que a abordagem pedagógica de sua escola “é uma escolha que parte dos pais em conjunto com os professores”, porque todos acreditam que essa é a forma adequada para estar fundamentando a criança e o jovem para a vida de maneira global.

A entrevista com a orientadora da escola “Y” demonstrou que a postura de sua escola proporciona condições de planejamento para que os objetivos dos processos de aprendizagem sejam alcançados de forma ideal e harmônica.

5 - Análise das entrevistas com os alunos das escolas.

5.1. Entrevista com os alunos da amostra da escola “Z”.

O discurso dos alunos dessa escola assinala o seguinte:

- Quanto às aulas:

De maneira geral, as aulas são consideradas ilustrativas e boas pelos alunos, mas, sugerem também que circunstancialmente elas são fatigantes, pois alguns alunos afirmaram que sentem cansaço durante as aulas.

- Quanto à avaliação:

O conteúdo nodal da entrevista permite considerar que a avaliação é motivo de preocupação para os alunos dessa escola.

- Quanto às dificuldades em aula:

A maioria dos alunos esclareceu que não gosta de ficar após as aulas para o reforço escolar. Portanto, o ponto comum constatado em relação ao processo de aprendizagem a que esses alunos estão inseridos é que, de certa maneira, em algumas ocasiões, esse processo de aprendizagem pode estar induzindo transtornos e inquietações razoavelmente absorvidos por esses alunos. Entretanto, a influência desses fatores por longo tempo, pode ser um fator predisponente de processos orgânicos secundários ou parafunções.

Essa observação pode ser fundamentada pelo grau de coerência existente entre os alunos desta escola e o índice de bruxômanos.

5.2. Entrevista com os alunos da amostra da escola “Y”.

O conjunto das narrativas dos alunos indica:

- Quanto às aulas:

Os alunos desta escola consideram as aulas, de maneira geral, boas, motivadoras e não cansativas.

- Quanto à avaliação:

As propostas de avaliação revelam aspectos geradores de disposição e interesse na maioria do alunado.

- Quanto às dificuldades em aula:

A entrevista aponta que as interações interpessoais parecem reduzir os desgastes e as dificuldades do percurso escolar, preservando um equilíbrio funcional.

Neste contexto, provavelmente, o processo de aprendizagem que ocorre nessa escola pode ser portador de subsídios preventivo, normativo e harmonizador de processos orgânicos secundários. Esta possibilidade pode ser considerada pelo grau de coerência existente entre os alunos desta escola e o índice de não-bruxômanos.

Considerações Finais.

A ansiedade não é em si um fenômeno patológico; é uma característica da condição eminentemente humana. Cumpre um papel biologicamente útil, pois permite desencadear comportamentos adaptativos de diversos tipos (defesa, inibição, ataque, etc.). Portanto, de certo modo, dá ritmo à vida. Entretanto, a ansiedade pode converter-se em um fenômeno desregulador em si mesmo, quando não desempenha sua função de alarme psicobiológico adaptativo, tornando-se uma doença.

O presente estudo permitiu visualizar que a ansiedade é um fenômeno muito presente no cotidiano da maioria dos alunos do Ensino Fundamental, independentemente da abordagem pedagógica adotada pelas escolas.

Pelo relato verbal (através das entrevistas) conclui-se, entretanto, que o processo de aprendizagem é mais adequado e com menos queixas na escola “Y” do que na escola “Z”. Tal fato, aliado ao menor índice de bruxismo da escola “Y”, indica que, possivelmente, a ansiedade pode ser controlada no sentido de não desenvolver respostas orgânicas prejudiciais à saúde, tal como o bruxismo, quando a escola tem domínio dos conteúdos e dos programas que utiliza, buscando estabelecer clareza e consistência dos seus pressupostos teóricos e firmeza em seu compromisso de conduzir o alunado.

É possível que esse resultado tenha relação com o fenômeno de previsibilidade: saber o que “vai me acontecer”, “como eu serei cobrado e avaliado”, envolve uma regularidade que favorece o ser humano (Hunziker, Saldanha & Neuringer, 1996).

Se o bruxismo é conseqüência de um estado de ansiedade como atesta a literatura pesquisada, este estudo sugere

que a ansiedade pode ser compensada pela aprendizagem escolar que privilegia as necessidades evolutivas e culturais do próprio indivíduo humano e que mantém regularidade em suas propostas pedagógicas. Isso ficou evidenciado na correlação de bruxismo e nas entrevistas entre uma escola e outra.

Assim, a ansiedade como uma variável crítica da aprendizagem, porém, em alguns casos, necessária e motivadora dessa mesma aprendizagem, pode ser modulada para que a sua presença não prejudique a aprendizagem nem seja acompanhada de seqüelas geradoras ou predisponentes de disfunções orgânicas tais como o bruxismo, o que foi observado na escola “Z” que tem uma proposta de aprendizagem “meio tradicional e meio construtivista”.

Referências Bibliográficas.

- BLAINEY, C.K. (1980). Anxiety in the undergraduate medical - surgical clinical student. Journal Nurse Education. (19), 33-6.
- BRUNNER, L.S.; SUDDARTH, D.S. (1994). Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgico. Rio de Janeiro: Interamericana.
- HUNZIKER, M.H.L.; SALDANHA, L; NEURINGER, A. (1996). Behavioral Variability in SHR and WKY rats as a function of rearing environment and reinforcement contingency. Journal of the Experimental Analysis of Behavior. (65), 129-144.
- MAFFEI, E.F. (1992). Ambiente de Professores Universitários: um estudo exploratório. Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- SPIELBERGER, C.D. (1972). Anxiety: cursive trends in theory and research.

Dorivaldo Duarte
Maria Martha Costa Hübner

New York: Academic Press. (2), 24-49.

SPIELBERGER, C.D; SARASON, I.E. (1975). Stress and Anxiety. Washington: Hemisphere. (5), 116-43.

SPIELBERGER, C.D.; GORSUCH, R.L.; LUSHENE, R.E. (1979). Idade: Inventário de ansiedade traço-estado. Rio de Janeiro: Cepa.

Contatos: *Universidade Presbiteriana Mackenzie*
Faculdade de Psicologia
Departamento de Psicologia Geral e Comportamental
Rua Itambé, 145 – Prédio 16 - 1º andar
Higienópolis – São Paulo – SP
01239-902
e-mail: psicologia@mackenzie.br